

Neologia Tradutória

*Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Cleci Regina Bevilacqua¹*

Résumé: A travers cet article, nous tentons d'établir un lien entre les processus néologiques et l'activité de traduction. Pour autant, nous présentons un bref panorama des études sur la néologie primaire, en reprenant les théoriciens les plus importants de ce domaine. Sur la base des principes de la néologie traductive, nous postulons dans un second temps le besoin d'une plus grande implication du traducteur devant les néologismes et offrons des exemples pour le corroborer.

Mots-clé: Néologie, traduction, néologie traductive.

Resumo: Com este artigo, procuramos estabelecer uma correlação entre os processos neológicos e a atividade de tradução. Para tanto, apresentamos um breve panorama dos estudos sobre a neologia primária, retomando os teóricos mais importantes nessa área. A partir dos princípios da neologia tradutória, postulamos, em um segundo momento, a necessidade de uma maior implicação do tradutor diante dos neologismos e oferecemos alguns exemplos para corroborá-lo.

Palavras-chave: Neologia, tradução, neologia tradutória.

Introdução

O léxico de uma língua, independentemente dos lugares e das épocas, está sempre em movimento: empresta palavras de outras línguas, busca-as em seu próprio acervo lexical, cria novas, descarta outras. Essa capacidade de renovação contínua revela a competência lexical dos falantes nativos, isto é, o conhecimento de uma lista de entradas lexicais, da estrutura interna dos itens lexicais e de suas inter-relações bem como a capacidade de formação de entradas lexicais gramaticais novas (BASÍLIO, 1980, p. 9). Revela igualmente a vitalidade de um idioma, que busca novos recursos linguísticos para dar conta de seu desenvolvimento técnico e científico e para aprimorar a comunicação da comunidade linguística consigo mesma e com outras comunidades.

Na língua geral, basta abrir jornais e revistas para confirmar, diariamente, o vigor desse processo e as tentativas, em geral inócuas, para impedi-lo². Nas áreas técnicas e

¹ Professoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, membros do Grupo TERMISUL e do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva.

² A esse respeito, ver as polêmicas engendradas pelo projeto de lei n.º 1676-D, de 1999, de Aldo Rebelo e, mais

científicas mais produtivas, a criação lexical é imperativa e permanente, dada a necessidade de acompanhar e transmitir o conhecimento adquirido. O campo da economia, por exemplo, renova-se continuamente, como se pode ver nos neologismos *eurobônus* e *dólar cabo*³.

Esse processo de renovação das palavras sempre interessou aos estudiosos. Alves (2001, p. 54) cita, entre outros, estudos portugueses sobre inovações vocabulares voluntárias já em 1606, enquanto Assis Rocha (1998, p. 24) relembra que essa preocupação em descrever e classificar o componente morfológico das línguas vem desde a Antiguidade, com a gramática descritivista greco-latina. No entanto, os estudos sobre o processo de criação e de renovação lexical só se desenvolveram com maior vigor a partir da segunda metade do século XX. Esse interesse crescente pode ser observado tanto na Europa quanto na América do Sul, onde existem equipes refletindo sobre o fato neológico, coletando neologismos e analisando-os⁴.

Para melhor situar este fenômeno, traçaremos um breve panorama dos estudos neológicos, salientando, todavia, que não se trata aqui de apresentar a neologia de acordo com as diferentes teorias lingüísticas, mas apenas de rever os posicionamentos teórico-metodológicos que consideramos mais relevantes.

1. Neologia e neologismo

Na obra de referência que consagra à criatividade lexical em língua francesa, Guilbert (1975, p. 31) define a neologia como a “possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical”, presente tanto na língua geral quanto nas línguas de especialidade. Esse autor salienta, porém, que a essência da neologia é diferente no léxico geral e nos vocabulários científicos e técnicos: no léxico geral, ela seria potencial e o lugar natural da criação lexical em seu aspecto morfológico, dependendo das regras do sistema da língua e da imaginação criativa dos leitores, ao passo que nos vocabulários especializados “estaria estritamente ligada à realidade expressa” e culminaria em uma “soma finita e exaustiva de denominações” (GUILBERT, 1973, p. 8).

Guilbert (1975, p. 40) distingue três tipos de criação lexical: neologia denominativa, neologia estilística e neologia de língua. Segundo ele, a neologia denominativa tange à necessidade de nomear um objeto, um novo conceito e visa à exata adequação do nome ao objeto ou conceito, buscando evitar qualquer ambigüidade na designação. Chama esse neologismo de ‘denominação’ ou de ‘neologismo de coisa’; o vocabulário da nanotecnologia, área científica em pleno desenvolvimento⁵, ilustra bem esse processo.

Já a neologia estilística funda-se na busca da expressividade da palavra em si mesma ou da frase pela palavra para expressar, sejam idéias não originais de uma maneira nova, seja uma visão pessoal do mundo. Essa forma de criação, também chamada de ‘neologismo de fala’ ou de ‘neologismo de autor’, estaria ligada especialmente

recentemente, pelo projeto de lei n.º 156/2009, proposto pelo deputado gaúcho Raul Carrion.

3 Exemplos extraídos do Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo – TermNeo, disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/>.

4 Importa citar o projeto de investigação NEOROM, no âmbito da Rede Panlatina de Terminologia (REALITER), que se propõe a analisar contrastivamente a neologia nas línguas românicas. Esse projeto criou uma rede de bancos de dados neológicos, formada por grupos que estudam o espanhol europeu e americano, o catalão, o galego, o italiano, o francês da França, do Quebec e da Bélgica, o português, variante brasileira e de Portugal, e o romeno.

5 Para mais informações, ver, entre outros, o Projeto NanoTerm, disponível em <http://www.geterm.ufscar.br/>.

à originalidade profunda do indivíduo falante, à sua faculdade de criação verbal, à sua liberdade de expressão, independentemente dos modelos estabelecidos ou contra os modelos estabelecidos. Ela é própria de todos aqueles que têm algo a dizer, que consideram como algo bem pessoal, e que querem dizer com suas palavras, seus arranjos de palavras, ela é própria dos escritores. (GUILBERT, 1975, p. 41)⁶

Não faltam exemplos de escritores reconhecidos pela criação de neologismos para corroborar a afirmação de Guilbert. Para citar apenas alguns, lembremos James Joyce, Lewis Carroll⁷, Heinrich Heine, Mallarmé, Baudelaire, Rimbaud, Ionesco e, entre nós, Guimarães Rosa, Millôr Fernandes e João Cabral de Melo Neto.

Segundo Barbosa (2000, p. 182), nos neologismos que surgem nos universos de discurso jornalístico, humorístico, publicitário, dentre outros, “[...] se nota uma ação que o emissor procura exercer sobre o receptor. O emprego do neologismo passa, então, a ter como função dominante outra que não a referencial: *a busca de um efeito, de uma ação produzida sobre o destinatário*. É a função conativa.” (grifo nosso).

A busca dessa ação, que espera uma reação do leitor, pode ser perfeitamente verificada neste *slogan* publicitário de uma companhia aérea inglesa, sobre a rota Amsterdã-Belfast – *Amsterdam Belfast* – com os finais das duas palavras em vermelho. Percebe-se aqui um jogo de palavras em que *dam* é um homófono de *damn*, empregado antes de adjetivos como um intensificador. Portanto, a leitura é *Amsterdam Belfast - damn fast*, ou seja, Amsterdã Belfast - muito rápido⁸, o que cria evidentemente uma dificuldade de tradução.

Contudo, apesar dos importantes efeitos expressivos dos neologismos literários e estilísticos, estes são em geral passageiros, conforme sustenta Cardoso (2004, p. 160), para quem “as criações lexicais literárias ou estilísticas se comportam de maneira diferente das demais criações. Apresentam apenas um valor expressivo naquele momento e naquele texto. Cumprido seu papel expressivo, tendem ao esquecimento. Motivam-se a cada leitura. Dificilmente passam a integrar o léxico da língua.”

Também Alves (1999, p. 161) faz referência ao caráter espontâneo e lúdico que podem assumir os neologismos gíriáticos, literários, publicitários e jornalísticos, e afirma que sua duração é freqüentemente efêmera.

Uma excelente ilustração dessa neologia estilística é o excerto abaixo, extraído do *Dicionário etimoLÓGICO I*, de Millôr Fernandes⁹, em que cada entrada representa um neologismo semântico e, simultaneamente, um dificuldade de tradução:

Dicionário Português-Português
 Armarinho – Vento que vem do mar.
 Barganhar – herdar um botequim.
 Barracão – Cidadão que proíbe a entrada de cães.
 Cerveja – Sonho de toda revista.
 Coitado – Estuprado.
 Democracia – Sistema de governo do inferno.

6 As traduções das citações em língua estrangeira são de responsabilidade das autoras.

7 Cujo personagem Humpty-Dumpty, em *Alice no País das Maravilhas* explica a Alice um dos processos de formação de novos vocábulos, as palavras-valise: gÉ como uma valise, veja bem: há três significações contidas em uma única palavra. h Disponível em: <fr.wikipedia.org/wiki/Lewis_Carroll> Acesso em: 03 jul. 2007.

8 Agradecemos ao tradutor Gilson de Matos, bacharel em Letras e mestrando em Estudos da Linguagem (UFR-GS), por este exemplo.

9 Millôr online, disponível em <http://www2.uol.com.br/millor/dicionario/001.htm> Acesso em 17/04/2011.

O terceiro tipo de criação para Guilbert (1975, p. 44) é o dos neologismos de língua, ou seja, as formações verbais que não se distinguem das palavras comuns do léxico e não chamam a atenção quando usadas pela primeira vez. É a virtualidade do neologismo que o define.

Após sua criação, o neologismo de língua sofre um processo de rejeição ou de aceitação por parte dos destinatários, momento em que vários fatores extralinguísticos podem intervir. Lembremos, de passagem, a rejeição maciça ao neologismo “imexível”, criado por um locutor que, em determinado momento, não gozava de prestígio junto aos falantes de língua portuguesa. Quando, ao contrário, o julgamento é de aceitabilidade, os falantes perdem paulatinamente a “consciência do fato neológico” e a nova palavra se “desneologiza”, conforme afirma Barbosa (2000, p. 178-180).

Boulanger (1979, p. 66) conceitua o neologismo como “uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova de uma palavra já existente, ou uma palavra emprestada há pouco de um sistema lingüístico estrangeiro e aceita na língua francesa.” Este autor estabelece uma classificação formal e afirma que essas novas unidades lexicais podem ser formadas a partir de três grandes modos: neologismos de forma, de sentido e de empréstimo. Os neologismos de forma dividem-se, por sua vez, em quatro grandes grupos: as palavras criadas por derivação, composição, siglação e outros processos, os quais englobam as modificações ortográficas, as palavras-valise¹⁰, as criações ex-nihilo, o decalque, a redução, a truncação e a lexicalização de nomes próprios. Para Boulanger (1990, p. 234-235), a neologia se reporta, de um lado, às línguas de especialidade – de origem científica, técnica ou tecnológica – ou às ciências humanas e sociais; a esses neologismos, ele dá o nome de neoterms (BOULANGER, 1989 apud ALVES, 1999, p. 159); de outro lado, à língua geral; ambas são suscetíveis de “alimentação, de renovações ou de metamorfoses contínuas e reiteradas”.

Alves, que define neologismo como

uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua. O neologismo, fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, é sempre resultante de um fato social, que, em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical. (ALVES, 2006, p. 132),

também distingue os neologismos dos neologismos terminológicos, mas salienta que os processos que determinam sua criação são os mesmos (1999, p. 162).

Em estudo dedicado aos processos neológicos mais produtivos do português contemporâneo (ALVES, 1994), esta autora ressalta que a formação de neologismos deriva de mecanismos provenientes da própria língua ou de outros sistemas lingüísticos (p. 5) e os divide em neologismos fonológicos, sintáticos, semânticos, por conversão, por empréstimo e por outros processos – truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva.

Os neologismos fonológicos dizem respeito à criação de uma palavra cujo significante seja totalmente inédito, criada sem base em nenhuma palavra existente (ALVES, 1994, p. 11). Os sintáticos – que abrangem a derivação e a composição –, ao contrário, dizem respeito à combinação de elementos já existentes na língua e são assim chamados porque a combinação de seus membros concerne não somente ao âmbito lexical, mas também ao nível frásico, já que “o acréscimo de um sufixo pode alterar a classe gramatical

10 Existem inúmeras designações para este tipo de criação lexical: *mots porte-manteau*, *mots-centaures*, *contamination words*, *blending words*, *crossing words*, *telescoped words*, *porte-manteau words*, cf. CLAS, 1987, Meta XXV; palavras-valise, cruzamento vocabular, contaminação, cf. ALVES, 1994; palavra-ônibus, cf. HOU-AISS; composição haplológica, mistura, cf. MARTINS, 2004.

da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical.” (ALVES, 1994, p. 14)

Os neologismos por conversão – ou derivação imprópria – referem-se aos itens lexicais que apresentam alterações em sua distribuição sem que ocorram mudanças formais (ALVES, 1994, p. 60). A autora afirma que adjetivos e verbos empregados substantivamente são bastante freqüentes em língua portuguesa, como no caso do adjetivo *consorciado*, que pode ser empregado também como substantivo.

Já os neologismos semânticos ou conceptuais ocorrem quando há uma transformação semântica em um item lexical, sem alteração formal. Essa transformação pode ser provocada por mudança no conjunto de semas referentes a uma unidade léxica, através de processos como a metáfora, a metonímia, a sinédoque, entre outros, ou por extrapolação de um termo para outra língua de especialidade, de um termo para a língua geral e de uma palavra da língua geral para uma língua de especialidade (ALVES, 1994, p. 62-65).

Na neologia por empréstimo, estão previstos os casos em que se recorre a outros sistemas lingüísticos para a ampliação do acervo: os estrangeirismos e os decalques. Estrangeirismo é o que corresponde à fase neológica da unidade estrangeira e é abundantemente encontrado, hoje em dia, no comércio e nas novas tecnologias: nas vitrines das lojas, por exemplo, pouco se vê a palavra ‘liquidação’, mas *sale*, *off* ou *outlet*. Já o empréstimo representa a fase em que essa unidade “não é mais percebida como estrangeira e passa a ser dicionarizada” (ALVES, 2004, p. 117). Quanto ao decalque, trata-se da versão literal da palavra estrangeira para a língua receptora. Dos outros processos (ALVES, 1994, p. 68-71), fazem parte a truncação, a palavra-valise, a reduplicação e a derivação regressiva. Na truncação, uma parte da seqüência lexical é eliminada. Na criação de uma palavra-valise, uma ou duas bases perdem uma parte de seus elementos e constituem um novo item léxico. O processo em que uma base é repetida duas ou mais vezes é chamado de reduplicação e, na derivação regressiva, um elemento de caráter sufixal é suprimido.

A maioria dos autores que se debruça sobre os fenômenos neológicos parte do estudo de *corpora* da língua geral ou das linguagens especializadas, o que explica por que, embora se refiram ao processo de formação de palavras-valise, não se detenham nessa formação, haja vista ser um processo mais produtivo em literatura.

Retomemos, então, alguns autores – Boulanger (1979), Clas (1987), e Grésillon (1984) – que dedicam a essa formação algumas páginas.

Para Boulanger (1979), a palavra-valise é oriunda da redução de uma seqüência de palavras a uma só: conserva-se a parte inicial da primeira palavra e a parte final da última. O autor salienta ainda que o corte dessas partes nem sempre corresponde a cortes morfológicamente naturais e exemplifica com a palavra *chocomousse*, em que *chocolat* é cortado após *choco* e acrescido de *mousse*, e que “o sistema da língua fica perturbado e obscurecido por tais criações” (BOULANGER, 1979), opinião compartilhada por Josette Rey-Debove (apud BOULANGER, 1979, p. 81) para quem esse processo atrapalha gravemente a morfologia, levando a pensar que as partes de palavras são morfemas. Segundo Boulanger, tais criações são muito usadas nas terminologias técnicas e científicas e funcionam como marcas registradas. Em estudo anterior (REUILLARD, 2007), comprovou-se que as palavras-valise encontram-se entre os processos neológicos mais produtivos na obra psicanalítica de Jacques Lacan e são uma das características mais marcantes de seu discurso. Neste, algumas características são todavia compartilhadas com o discurso literário, tais como a criatividade e a importância atribuída ao significante. Por essa razão, poderíamos

qualificá-lo de discurso de “entremeio”, entre literatura e linguagem de especialidade.

Clas (1987) lembra que esse processo – que ele denomina *braquigrafia de encaixe*¹¹ – é utilizado simultaneamente pela língua técnica e, de modo menos sério, pela língua corrente, concluindo que essas criações só podem ser efêmeras e ter um status estilístico. Coloca entre os processos habituais de criação de palavras-valise, as conjugações de apócope, aférese e síncope, mas observa que o modelo canônico parece ser a apócope e aférese (p. 348). Quanto à sua função, afirma se tratar de um processo econômico e lúdico de formação de palavras, uma matriz terminológica, universal, que pode responder a necessidades de criatividade. Assim, analisa essas formações sob dois aspectos: a) formal: utilização combinada de apócope, aférese e síncope; b) sintático-semântico: os componentes A e B dão o resultado C; salienta ainda que a decomposição semântica pode ser muito variada, mas nem sempre convincente, havendo várias possibilidades para uma mesma formação (grifo nosso) Conclui, por fim, que a *brachygraphie gigogne* não passa de um caso particular da composição¹² e nisso se apóia em Jean Tournier (apud CLAS, 1987, p. 351-352): “Morfologicamente, a única diferença é que os elementos do amálgama são mais ou menos encaixados uns nos outros ou, como se diz, ‘engavetados’, ao passo que nos outros compostos são justapostos.”

Como já dissemos, esse recurso às palavras-valise é bastante empregado na literatura e não se configura como um fenômeno recente, como se pode ver nestes exemplos da língua francesa: *hypocritiquement* (Rabelais, 1483-1553); *mélancolise* (Honoré de Balzac 1799-1850); *caméléopard* (Charles Baudelaire 1821-1870); *concubiste* (Louis Aragon, 1897-1982); *cordoléances* (Ionesco, 1909-1994); *parlementeur* (Boris Vian, 1920-1959).

Também em nossa literatura, os escritores recorreram e ainda recorrem a essas formações. É o caso de Cruz e Souza e de Millôr Fernandes, ambos estudados detalhadamente sob esse ponto de vista por Martins (2004). Tais formações acabam, muitas vezes, por ser a marca registrada de um autor; Guimarães Rosa é um exemplo clássico disso. Porém, Martins relembra, com acerto, que a criação neológica não é apanágio dos escritores, visto que essas formações surgem igualmente nas línguas de especialidade ou na língua geral. A diferença consiste no fato de que os neologismos de determinadas áreas de conhecimento são incorporados nos dicionários de língua, o mesmo acontecendo raras vezes com os neologismos literários.

Grésillon (1984, p. 24-25), em obra consagrada ao estudo das palavras-valise de Heinrich Heine, define-a como a produção de uma forma totalmente singular, obtida pela fusão de dois termos que podem ser foneticamente próximos e que compartilham um segmento homófono, mas entre os quais não existe em geral nenhum vínculo semântico natural. Segundo a autora, a palavra-valise caracteriza-se formal e semanticamente por sua dupla natureza. A classificação que a autora alemã propõe comporta cinco tipos de palavras-valise: com segmento homófono (*uburbanisme* = *Ubu* + *urbanisme*), o mais usual; com truncação, afetando um ou dois constituintes (*grammaniaque* = *grammaire* + *maniaque*);

11 Em francês, *brachygraphie gigogne*. Diante da diversidade das denominações dos mesmos processos de abreviação, decidimos intitular nosso estudo de braquigrafia de encaixe para mostrar que se trata de escritas truncadas que se encaixam e para evitar os termos mais ou menos marcados tais como *hapaxépie*, haplogogia, acronímia, crase, paronomásia, cruzamento, amálgama, engavetamento, encaixe, ou ainda palavra-valise, palavra centauro, palavra de encaixe, palavra contaminada, palavra fusionada, palavra *portemanteau* h. CLAS, 1987, Meta, XXXII, 3, p. 347.

12 Em língua portuguesa, distingue-se a composição por justaposição ou por aglutinação. Desse ponto de vista, as palavras-valise seriam formadas pelo processo de aglutinação, em que os elementos componentes se juntam num só vocábulo gráfico e sofrem perda de sua integridade silábica (cf. CUNHA, 1978, p. 77).

com segmento homófono e truncção (*mélancolisé* = *mélancolique* + *alcoholisé*); com encaixe, mais raro (*ubiamourquité* = *ubiquité* + *amour*); palavras *dévalisés* (*usurepassion* = *usure* + *passion* = ? *usurpation*).

A língua espanhola oferece um exemplo muito atual de palavra-valise. Derivado da língua inglesa (*emotion* + *icon*), denomina os ícones utilizados nas linguagens via internet, como MSN, Skype e correio eletrônico, que traduzem estados emocionais (alegria, tristeza, raiva, etc.): *emoticono* (*emoción* + *ícono*).

Todos os processos acima relatados e amplamente estudados referem-se à neologia primária, que pode se desdobrar em criação espontânea ou planejada, quando se trata das línguas de especialidade. A esse respeito, a norma 704 da ISO (*International Organization for Standardization*), denominada Princípios de denominação, estabelece os princípios para a criação de novas palavras e é seguida por inúmeras instituições internacionais de normalização terminológica.

Vejamos agora a relação instaurada entre a neologia e a tradução.

2. Neologia tradutória

Em sua prática profissional, os tradutores se deparam cotidianamente com a neologia e os problemas que ela pode criar. De fato, entre o aparecimento de um termo ou palavra e seu registro nos dicionários ou mesmo em bancos de dados, há um lapso de tempo relativamente longo. No entanto, em que pese essa assincronia, o tradutor, sempre premido pelo tempo e pelas circunstâncias de sua atividade profissional, é muitas vezes obrigado a oferecer, na língua de chegada, uma solução para o neologismo encontrado na língua de partida. De acordo com pesquisas feitas por Hermans e Vansteelandt (1999), ele recorre, então, a duas estratégias principais: traduzir o neologismo por meio de um sintagma ou dar primazia ao significante da língua de partida em detrimento do significado.

Esses autores classificam a neologia em dois tipos: neologia primária e neologia tradutória. Cada vez que um novo termo é criado em determinada língua e acompanhado da formação de um novo conceito, estamos diante da neologia primária. A neologia tradutória, em contrapartida, refere-se à formação e à introdução de termos e palavras que já possuem um precedente lingüístico em outra língua. Seu contexto clássico é a tradução, pois os tradutores encontram-se entre os primeiros a se confrontar com as criações neológicas. Sobre isso, dizem que

embora um tradutor isolado não crie diariamente neologismos e só se ocupe de uma parte da neologia, ou seja, a neologia terminológica ou denominativa, o mundo da tradução desenvolve uma atividade neográfica variada e múltipla, sobretudo nas áreas em que a neologia primária é também abundante. De fato, os tradutores devem produzir na língua de chegada um texto com as mesmas funcionalidades que o texto da língua de partida. O valor ligado ao neologismo, freqüentemente assinalado no microcontexto da língua de partida, isto é, no conjunto das informações veiculadas pela frase ou pelo parágrafo, requer freqüentemente um neologismo paralelo na língua de chegada. Uma perífrase faria desaparecer a funcionalidade do neologismo.

Ainda que essas afirmações restrinjam a neologia tradutória aos aspectos terminológicos ou denominativos, sabemos que também o tradutor que se dedica a textos

não-especializados, sobretudo jornalísticos e literários, defronta-se com as mesmas questões. Relembremos, de passagem, as dificuldades encontradas pelos tradutores de Guimarães Rosa ou de James Joyce para diversas línguas¹³.

Segundo os autores belgas, para criar bons neologismos, o tradutor deve afastar-se da maneira como a noção é expressa na língua de partida, considerar todos os aspectos e todas as dimensões da noção ou do referente, e usar o aspecto ou a dimensão que melhor convir ao discurso, aos hábitos lingüísticos e terminológicos da língua de chegada. Desse modo, recorrerá menos aos decalques e encontrará melhores soluções que as paráfrases. Porém, para atingir esse grau de aperfeiçoamento, deverá atender aos três princípios da neologia tradutória que eles estabelecem.

O primeiro princípio lembra que “não se traduz de uma língua para outra. O tradutor não busca sistematicamente equivalentes para todos os termos do texto a ser traduzido (nunca traduz palavra por palavra)” (HERMANS; VANSTEELANDT, 1999, p. 38). Considerando que a primeira obrigação do tradutor não é a equivalência dos termos, mas a da mensagem – e, acrescentaríamos, a equivalência da função da tradução –, esse princípio estabelece que este profissional apenas criará termos se estes forem úteis para a transmissão correta dessa mensagem. Assim,

o neologismo passa então pelo prisma do sistema nocional antes de passar pelo prisma do sistema da língua. No caso da tradução por equivalência dos termos, que desempenham um papel mais importante na tradução especializada do que na tradução de textos literários, o tradutor não busca, de saída, traduzir o termo. Identifica a noção expressa pelo termo do texto de partida e reexpressa a seguir no texto traduzido.

Observe-se que os autores reiteram a distinção entre textos científicos e literários. Embora não questionemos as especificidades de cada um desses textos, acreditamos que, no que tange à criação de neologismos, ambos os tipos podem engendrar dificuldades ao tradutor e que não se poderia falar de “papel mais importante na tradução especializada”. Como bem lembra Cabré (1998, p. 259), “a neologia não pode ser considerada como uma disciplina de alcance restrito, já que se apresenta em todas as situações de comunicação – e não somente no discurso especializado”.

O segundo princípio, de ordem terminológica, diz respeito às tradições que presidem à criação de termos em determinada especialidade. Como cada disciplina tem seu próprio sistema nocional e matrizes terminológicas, que a fazem privilegiar certas leis de construção dos termos, caberá ao tradutor respeitar esse sistema e criar neologismos a partir das mesmas matrizes. Na tradução da medicina, por exemplo, o tradutor, sensível a tais matrizes, privilegiará os formantes greco-latinos na formação de novas palavras.

O terceiro e último princípio estabelecido pelos estudiosos belgas determina o respeito à coerência da língua de chegada. Para eles, o tradutor deverá ser conservador e seguir as vias traçadas pela língua. Além disso, os neologismos devem oferecer a possibilidade de engendrar derivados em sua categoria lexical ou em outras categorias lexicais.

Compartindo com a maior parte dessas afirmações, defendemos que a implicação do tradutor com a neologia, de linguagens especializadas ou não, deve ultrapassar o nível de mera reprodução do neologismo do texto de partida. Para tanto, o este profissional deve

13 Sobre essa questão, ver, entre outros: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. *Os neologismos em Grande Sertão: Veredas: problemas de tradução*. Tese de doutorado, USP, 1992; James Joyce & Tradução, In *Scientia Traductionis*, Florianópolis, UFSC, n. 8, 2010.

munir-se de conhecimentos que o tornem apto a produzir, em sua língua materna, itens neológicos equivalentes em sentido e em função, ou seja, deve tornar-se um tradutor-neógrafo. Tal proposta pode ser ilustrada por estudo anterior (REUILLARD, 2007), que postula a necessidade de propor equivalentes em língua portuguesa para os neologismos lacanianos.

Vejamus um exemplo: a palavra-valise laciana *hainamoration* apresenta grande complexidade, pois, composta pelos substantivos *haine* e *amour*, coloca em jogo tanto uma relação semântica de oposição quanto uma relação de analogia com *énamoration* e *énamourment*. Em outras palavras, caberá ao tradutor que com ela se deparar preservar os sentidos opostos de ódio e amor, mas também o sentido de ato ou resultado de se enamorar. A solução já consagrada em língua portuguesa – *amódio* – dá conta da união dos dois sentidos, mas a analogia não é contemplada; um dos significados do original perde-se então nessa travessia. Como transpor tal significante e significados simultaneamente? Na impossibilidade de fazê-lo por meio de um único significante, o tradutor pode recorrer a uma combinação de modalidades tradutórias: transmitir a informação ausente por uma explicitação, tal como uma inclusão no texto ou uma nota de rodapé; recurso, de resto, já empregado: “enamoração feita de ódio (*haine*) e de amor, um amódio”¹⁴. O tradutor-neógrafo, em contrapartida, poderá propor a criação de um novo significante, uma palavra-valise que retome a noção de enamoramento e que encerre as noções de ódio e amor, como em *enamodiamento*. Vale frisar, no entanto, que, em se tratando de uma linguagem especializada, o concurso entre tradutor e especialista na criação de neologismos revela-se imprescindível.

Outro exemplo, agora extraído da literatura, provém de um texto de Millôr Fernandes, traduzido para o inglês: dando uma “piscadela intertextual” para o leitor, como bem denomina Umberto Eco (2007), Millôr cria inúmeros neologismos – invertendo as sílabas de todas as palavras de cada verso – ao construir uma fábula a partir do modelo das fábulas de Esopo:

Fopos de Esábula. Uma tentativa de contar as histórias como no tempo em que os animais falavam

O Macorvo e o Caco
Andesta na florando um enaco macorme
Avistorvo um cou com um beco pedalo de
Quico no beijo. “Vou comou aqueijo quele ou
Não me chaco macamo”, vangloriaco o
Macouse de sara pigo consi.

Vejamus sua tradução para a língua inglesa¹⁵:

FASOP’S AEBLES
THE CRONKEY AND THE MOW

Saunterest along the fontering, a hukey monge
sow a craw with a niece pice of cheak in its beese.
“I’ll finy a wad to ease that cheet, or I’m not calley monked!”
they the monkelf to himsougt.

14 *O Seminário: livro 20: mais, ainda*. Versão brasileira de M. D. Magno, 1985.

15 Agradecemos ao tradutor Guilherme da Silva Braga, licenciado em Letras e mestrando em Literatura Comparada (UFRGS), por ter compartilhado conosco esta tradução de sua autoria.

Como se vê nessa tradução da fábula milloriana, o tradutor, partindo do mesmo processo de criação em língua portuguesa, criou um texto suscetível de produzir no leitor da língua de chegada os mesmos efeitos do original, ou seja, manteve o sentido e reproduziu o efeito dos significantes neológicos.

Considerações finais

Como esperamos ter deixado claro através dessas ilustrações de neologia tradutória, acreditamos que o profissional da tradução é mais do que um simples mediador entre os leitores do texto de partida e aqueles do texto de chegada. No que tange à introdução de neologismos em sua língua materna, ele cumpre um importante papel na transmissão do conhecimento, sobretudo especializado; de fato, juntamente com o especialista da área, ele é o primeiro a se deparar com os novos itens lexicais. Por essa razão, o desenvolvimento de sua autonomia tradutória e a qualificação da atividade e do produto que ele oferece passam por sua implicação nos processos neológicos: deixando de ser um mero receptor de neologia, o tradutor deve transformar-se em produtor de neologismos.

Porém, para que isso possa ocorrer, a sensibilidade do tradutor para as questões atinentes à formação de palavras em sua língua materna e nas língua(s) de trabalho deve ser despertada em sua formação acadêmica, alimentada por profundos conhecimentos e desenvolvida no decorrer de sua trajetória profissional. Nesse sentido, ainda temos um longo caminho a percorrer, tanto na academia quanto na sociedade brasileira de modo geral. Vale lembrar a necessidade de esclarecer, junto à comunidade, o papel que desempenha este profissional na transmissão do conhecimento para que não lhe seja negada sua implicação na criação de palavras, como acontece com bastante frequência.

Por fim, salientamos a pertinência dos estudos de neologia da perspectiva da tradução, o que, sem dúvida, vem qualificar não apenas o profissional dessa área, mas também incrementar as pesquisas acadêmicas que se debruçam sobre tais questões.

Referências

- ALVES, Ieda. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo, Ática, 1994.
- _____. **Aspectos criativos da linguagem: a neologia lexical**. In: VALENTE, André (Org.) *Aulas de Português: perspectivas inovadoras*. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 159-167, 1999.
- _____. **Terminologia e Neologia**. *TradTerm*, São Paulo, Humanitas, n. 7, p. 53-70, 2001.
- _____. **A Observação Sistemática da Neologia Lexical: Subsídios para o Estudo do Léxico**. In: *Revista Alfa*, São Paulo, (ILCSE/UNESP), v. 50, n. 2, p. 131-144, 2006.
- ASSIS ROCHA, Luiz Carlos de. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Dos Processos de Engendramento e Manifestação do Neologismo nos Discursos Essencialmente Figurativos : Língua Portuguesa em Debate: conhecimento e ensino**. AZEVEDO, José Carlos de (Org.). Petrópolis, RJ, Vozes, p. 176-191, 2000.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- BOULANGER, J.-C. **Néologie et terminologie. Néologie em Marche**, v. 4, 1979.
- _____. **La création lexicale et la modernité**. In *Le Langage et l'Homme*, Belgique, v. 25, n. 4, p.233-240, 1990.

- CABRÉ, A Maria Teresa. *La terminologie. Théorie, méthode et applications*. Ottawa, Les presses de l'Université d'Ottawa/Armand Colin, 1998.
- CARDOSO, Elis de Almeida. *A Criação Neológica Estilística. MATRAGA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Caetés*, v. 11, n. 16, 2004.
- CLAS, André. *Une matrice terminologique universelle: la brachygraphie gigogne*. In: *META*, Montréal, v. 32, n. 3, p. 347-355, 1987.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. São Paulo, Record, 2007.
- GRÉSILLON, Almuth. *La règle et le monstre: le mot-valise: interrogations sur la langue, à partir d'un corpus de Heinrich Heine*. Tübingen, Niemeyer, 1984.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.
- HERMANS, Adrien; VANSTEELANDT, Andrée. *Néologie traductive, Nouveaux outils pour la néologie: Terminologies Nouvelles*, Bruxelles, n. 20, p. 37-43, déc. 1999.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 20: Mais, ainda*; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de M. D. Magno. 2.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
- MARTINS, Evandro Silva. *A neologia na literatura: a criação milloriana*. In: ISQUIERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS, Ed UFMS, 2004. v. 3. p. 53-64.
- MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. *Os neologismos em Grande Sertão: Veredas: problemas de tradução*. Tese de doutorado, USP, 1992.
- REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. *Neologismos Lacanianos e Equivalências Tradutórias*. (Tese de Doutorado) Porto Alegre, UFRGS, 2007.